

# REFLEXÕES SOBRE O BRASIL COLÔNIA: as Escolas de Samba e algumas histórias que a História não contou

*REFLECTIONS ON BRAZIL COLONY: the Samba Schools and some stories that History didn't tell*

Carlos Alberto Máximo Pimenta<sup>1</sup> , Camilo Silva<sup>1</sup> 

## RESUMO

Tratamos do tema cultura e desenvolvimento com a pretensão de trazer os questionamentos sobre a história colonial brasileira, a partir de manifestações culturais de carnaval, desencadeadas por determinadas escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro. Justifica-se pela tensão de nossos tempos, a qual promove reflexos de um passado colonial nefasto, mal resolvido, explicitado nos enredos da G.R.E.S Paraíso do Tuiuti, “Meu Deus, meu Deus, está extinta a Escravidão?” (2018), e da G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, “Histórias Para Ninar Gente Grande” (2019). Objetivamos fortalecer o debate sobre a revisão da história colonial e das memórias oficiais, por meio das formas de comunicação social. Os sambas de enredo e as imagens dos desfiles das agremiações são os elementos dessa reflexão. Desse lugar, as escolas de samba Tuiuti e Mangueira impulsionaram uma nova agenda nas dinâmicas e lutas das escolas na formatação de estratégias de sobrevivência, cuja manutenção é relevante ao exercício de voltar às origens, o qual refuta as verdades históricas oficializadas através do olhar atento às práticas culturais centradas na valorização da ancestralidade dos povos africanos e indígenas.

**Palavras-chave:** Escolas de Samba. Interculturalidade. Cultura e Desenvolvimento. Colonização. Ativismos.

## ABSTRACT

We deal with the theme “culture and development” with the intention of bringing questions about Brazilian colonial history, based on cultural manifestations of carnival triggered by certain samba schools of the first division in Rio de Janeiro. It is justified by the tension of our times, which promotes reflections of a nefarious colonial past, poorly resolved, explained in the plots of samba schools Paraíso do Tuiuti, “my God, my God, is slavery extinct?” (2018), and Estação Primeira de Mangueira, “Stories for Lulling adults” (2019). We aim to strengthen the debate on the revision of colonial history and official memories through the forms of social communication. The plot sambas and the images of the parades of the associations are elements of reflection. From this place, the samba schools Tuiuti and Mangueira promoted a new agenda in the dynamics of the schools’ struggles in the formatting of survival strategies, whose maintenance gains relevance in the exercise of the return to the origins, in which they present the confrontation of the official historical truths and they refute through their cultural practices based on valuing the ancestry of African and indigenous peoples.

**Keywords:** Samba schools. Interculturality. Culture and Development. Colonization. Activisms.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)

Autor Correspondente: Carlos Alberto Máximo Pimenta  
E-mail: carlosalbertopimenta@gmail.com

Recebido em 21 de Março de 2021 | Aceito em 07 de Julho de 2021.

## INTRODUÇÃO

Tratamos do tema cultura e desenvolvimento com a pretensão de trazer os questionamentos sobre a história colonial brasileira, a partir de manifestações culturais desencadeadas por determinadas escolas de samba do grupo especial do carnaval carioca, especificamente nos anos 2018 e 2019. Essas manifestações se inscrevem num conjunto de ativismos, respostas da intensificação de práticas conservadoras, extremadas, de cunho político, econômico, moral, sociocultural e simbólico, expressas nas inúmeras tensões de nossos tempos (xenofobias, fundamentalismos, negacionismos), as quais fomentam o desrespeito aos diferentes, diferenças e alteridades.

A reflexão se organiza em torno das imagens das telas da televisão e de blogs de debates (especialistas em carnaval de escolas de samba do Rio de Janeiro), elementos tecnológicos que contribuíram para pensarmos o “contemporâneo”. Por esses lugares de comunicação potencializam-se os alcances das performances e dos ativismos das escolas de samba. Cabe ressaltarmos que adotamos o termo “ativismos” dentro da perspectiva apontada na exposição de motivos da chamada de trabalhos referente à 3ª Conferência Internacional Ativismos em África (<https://activismsinafrica21.wordpress.com/>), na qual vemos as possibilidades de “revisão” da realidade dos países da América Latina e Caribe.

Pelas telas (ecrãs), das mais variadas formas de comunicação, é que propusemos uma leitura sobre as manifestações no campo da cultura, as quais se contrapõem, ou não, às ameaças constantes de cerceamentos dos espaços de liberdade individual/coletivo e de enquadramentos político-religiosos aplicados à cultura e à arte.

Os sambas de enredo da G.R.E.S Paraíso do Tuiuti (PT) - “meu Deus, meu Deus, está extinta a Escravidão?” (2018), da G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (EPM) - “Histórias Para Ninar Gente Grande” (2019), e os argumentos conceituais nas performances de seus desfiles, impulsionaram outra agenda nas dinâmicas e lutas das escolas de samba, no sentido da formatação de estratégias de existir e coragem para os enfrentamentos dos espaços de disputa pela cultura. Esses enfrentamentos estão associados ao

exercício da volta às origens: ancestralidade e encantamento.

Consideramos o ativismo das escolas de samba como um dos reflexos de um passado colonial nefasto, mal resolvido, que se intensifica na realidade brasileira. É no confronto com a história oficial que as escolas de samba encontraram os sentidos para outras possibilidades de sociedade, incorporando o conhecimento das ancestralidades dos povos africanos e indígenas. Desse lugar de partida, ao considerarmos ainda os argumentos dos trabalhos de Simas & Fabato (2015); Simas & Rufino (2018), podemos pensar que as agremiações aderem às lutas anticoloniais, espaços potentes para dar contribuições para um projeto de sociedade inclusivo e justo, face a valorização de suas origens, criatividade, inovações culturais, características organizativas e capacidades de constituição de redes de trocas, não sem conflitos e disputas.

Esta reflexão tem o objetivo de inserir os campos da cultura e do desenvolvimento dentro do crescente debate referente à revisão da história colonial e às memórias oficiais brasileiras, presente nas diversas formas de comunicação social (mídias sociais, inovações tecnológicas, museus, manifestações culturais, organizações políticas, entre outras). No caso, optamos por uma leitura das críticas nas performances dos desfiles das escolas de samba do grupo especial do carnaval carioca, traduzidas por nós como manifestações político-culturais.

No exercício de olharmos a história pela perspectiva das tramas dos enredos (linguagens escritas que estruturam a proposta temática de um desfile de escola de samba) da PT e da EPM, buscamos capturar as diferentes formas do abafamento das alteridades durante a construção do que chamamos de sociedade brasileira, em suas facetas política, econômica, social, cultural, simbólica, moral e ética.

A reflexão compreende o contexto político e econômico (e suas repercussões nas relações socioculturais) do período de 2018 a 2019, em diálogos estreitos com a história, a sociologia, a antropologia e a política. Nessa dinâmica, buscamos não perder de horizonte os distintos processos de invenção dos heróis luso-brasileiros e, conseqüentemente, dentro

do universo dos enredos das escolas de samba que explicitaram o aviltamento, a depreciação e o descrédito que a história oficial tatuou nos corpos, conhecimento e saberes dos povos negros e indígenas.

O material empírico utilizado foi: (a) o conteúdo dos enredos e sambas enredos; (b) a íntegra das transmissões televisivas dos desfiles das escolas de samba estudadas, num total de 80 minutos cada; (c) os conteúdos de plataformas de vídeos e redes sociais de estudiosos das escolas de samba cariocas; e, (d) as imagens (ou figuras) que ilustram a força e a plasticidade das interrogações que as agremiações trouxeram sobre a história oficial colonial brasileira.

Propusemos uma referência teórico-epistemológica de questionamento da ordem histórica imposta pela colonialidade (Rivera, 2016), considerando o que determinados autores denominam de “giro decolonial” (Maldonado-Torres, 2008). Os desfiles das escolas de samba, enquanto manifestação cultural, vislumbram um rico conteúdo sobre a realidade histórica, campo das preocupações dos estudos interculturais, decoloniais e ativismos, o qual coloca em xeque a racionalidade imposta pelas epistemologias do norte.

Estruturamos o texto em três argumentos: o primeiro sobre a correlação entre a realidade brasileira da década de 2010-20 com os modos de organização e gestão dos negócios das escolas de samba; o segundo trata de um mosaico de informações teórico-empíricas que visam explicar os motivos pelos quais as escolas de samba trouxeram suas críticas à história colonial; por fim, a prospecção decolonial contida nos discursos evidenciados pelas escolas de samba, enquanto instituições potentes ao exercício de desconstrução das imposições de modelos de opressão.

### Contextualizações iniciais: outras histórias

As escolas de samba constituíram um complexo entrecruzamento de significados (continuação dos navios negreiros, das senzalas, dos terreiros, dos morros, das velas, dos tambores), os quais ultrapassam o entendimento proposto pela racionalidade ocidental. Desse ponto de vista, o movimento social que conhecemos como escolas de samba antecede a sua aparição na cena cultural do Rio de Janeiro dos anos 30 (Ferreira, 2005).

A história que alicerça as escolas compõe a memória desses lugares e está presente nas manifestações que promove, mesmo diante das transformações organizacionais, temporais, por elas experimentadas (Pimenta & Silva, 2019), representadas em inúmeros elementos que as estruturam (batidas da bateria, baianas, enredos, festas, dentro outros). Interessamos pensar as escolas de samba e lutas por meio dos cenários contemporâneos de confronto à ordem político-moral vigente e dos questionamentos da história colonial brasileira. Essas preocupações de análise (sintetizadas nos sambas de enredo) se circunscrevem face aos enredos defendidos nos desfiles. Portanto, ele se torna a peça central nesse processo de confrontos, de existir, e das dinâmicas nas relações de poder e força travadas cotidianamente, mesmo em contextos de espetacularização do carnaval carioca (Silva, 2017).

No acompanhamento do raciocínio de Silva (2017), podemos salientar que as escolas de samba, desde o início de suas manifestações em torno do carnaval, estabeleceram, por meio de seus enredos (e sambas de enredo), diálogos intermitentes com o Estado Novo, o ufanismo do período ditatorial (utilizado como veículo da construção da identidade nacional), o projeto de turismo do Rio de Janeiro e com as formatações profissionalizantes e empresariais (fortemente implicadas com a ideia de espetáculo e de técnicas de gestão privada).

As escolhas dos enredos ocorrem, apoiando-nos nas sugestões de Augras (1998, p. 180), em função de um “processo contínuo de negociação entre gosto popular e gosto das elites, entre a necessidade da sobrevivência e o desejo de reconhecimento cultural e social”, o qual elabora as estratégias de sobrevivência. Em outros termos, em seus espaços de disputas, as escolas de samba trazem como negociações de existência as suas memórias culturais, políticas, simbólicas e identitárias, as quais carregam as representatividades das ancestralidades dos povos africanos, ou seja: enredam e enaltecem em seus desfiles, em inúmeras oportunidades, a história oficial, o progresso e os personagens emblemáticos, mas não se distanciam de seus fundamentos constitutivos.

Da perspectiva da história, Simas & Fabato (2015) analisam determinados enredos e demonstram suas

diferentes fases. Desse ponto, os enredos enaltecedores podem ser constatados na leitura das letras dos sambas que se sucederam ano a ano. No entanto, na linha de raciocínio de Simas & Rufino (2018, p. 60) também cantam “[...] outra coisa [...], perceptíveis para aqueles que conheciam a gramática dos tambores”.

É sobre essa “outra coisa” que pontuamos nossas indagações a respeito dos desfiles da PT e EPM. A ênfase recai sobre a cultura, enquanto campo de disputa, a qual permite reinvenções da vida, por ser espaço de ordem, desordem, caos, práticas, dimensões simbólicas, bem como porta para desobediências, silenciosas ou não, dos padrões ditados pelos valores coloniais. Fica subentendido que se trata de formas híbridas de relações interculturais que promoveram determinados conhecimentos, saberes, fazeres, valores e formas de organizações socioculturais diferentes.

As manifestações culturais promovidas pelas escolas de samba no carnaval ultrapassaram a pretensão do turismo (atrair turistas e venda do produto), do espetáculo, da performance, das seduções midiáticas ou de ser uma fonte de dados para futuras pesquisas (material empírico, registros e escritos de memórias da história). Há um ambiente potente, na perspectiva de Simas & Rufino (2018), que expressa a capacidade de transformação do social, da história e da economia, com base nos elementos que estruturam e fundamentam a constituição das escolas de samba.

Nas propostas dos enredos da PT e da EPM vimos explicitadas a experiência das epistemologias das encruzilhadas, valores potentes sobre a existência dessas agremiações. Não sem tensões, frisamos a resistência da gestão municipal do Rio de Janeiro em liberar os subsídios às escolas de samba para realização do carnaval (Saboia, 2020). Nas apropriações que efetivamos de Simas & Rufino (2018), podemos argumentar que as escolas de samba apresentam o que os autores chamaram de ciência encantada das macumbas (a constituição das escolas de samba está assentada na filosofia e rituais das religiões de matrizes africanas). Podemos, ainda, ressaltar que a sabedoria dos pretos-velhos (Simas & Rufino, 2018)

ensina as inúmeras possibilidades de luta, de encantamento, mas também de dissimilação dos parâmetros oficiais do período colonial.

Pelo prisma da interculturalidade, somando as apropriações dos resultados da pesquisa de Augras (2006), podemos ressaltar que os enredos das escolas de samba (perspectiva histórica) impactam diretamente nas interpretações sobre a realidade do passado, do presente e do futuro daquilo que se imagina por Brasil e, ao mesmo tempo, impuseram desafios de diversas ordens. Especificamente sobre os enredos estudados, as escolas de samba PT (2018) e EPM (2019) promoveram um recontar da história passada e presente de nossa realidade, privilegiando os valores da ancestralidade africana e dos povos indígenas, no sentido propositivo de revisitar a história para que possamos construir o futuro dentro de outra plataforma de organização social.

Para os enfrentamentos dos desafios que se impõem se faz necessária a filiação dentro de um campo epistemológico. A opção epistêmica decolonial parece-nos ser um dos caminhos de partida ao propor a desvinculação dos fundamentos considerados genuinamente ocidentais e de acumulação de conhecimento colonial: “as identidades construídas pelos discursos europeus modernos eram raciais (isto é, a matriz racial colonial) e patriarcais” (Mignolo, 2008, p. 289-290). Desse lugar, as escolas de samba fortalecem as suas identificações e identidade e, consequentemente, estabelecem zonas de atuação político-cultural nos termos e prospecções do movimento de descolonização.

Esse processo de desvinculação do pensamento colonizador se desdobra no que Maldonado-Torres (2008) caracteriza como um “giro decolonial”, ou seja, uma construção de conhecimento que se edifica por meio de inúmeras estratégias e formas de oposição, as quais propõem uma mudança radical nas formas dominantes de poder, ser e saber. Apoiando-nos na síntese do pensamento de Cesaire (2006), podemos dizer que as escolas de samba trouxeram posturas que as colocaram como antídotos à hipocrisia coletiva, que insiste em dar continuidade ao mundo colonizado ou a arrogância eurocêntrica.

## As histórias que as escolas de samba contam

Quase um século e meio depois da promulgação da Lei Áurea (documento formal do Estado brasileiro que, no período imperial, aboliu a escravidão no país), a escola de samba PT questiona se uma mera assinatura seria suficiente para pôr fim a todo um conjunto de violações de direitos do povo negro, por meio do conhecimento dos “pretos veios”, entidade presente na filosofia das religiões de matriz africana (Simas & Rufino, 2018).

Na realidade recente temos experimentado posturas conturbadas. Estas, promovidas por políticas de extrema-direita em pautas econômicas ultraliberais. Trata-se de um movimento conservador, de caráter moral-fundamentalista, e que propõem um estado mínimo, com regência pelo mercado rentista, repercutindo nas políticas pública (municipais, estaduais e federais), bem como nas concepções de educação, ciência, religião, controle dos corpos e nas dinâmicas dos espaços públicos e privados. Atentas, as escolas de samba têm buscado respostas aos enfrentamentos e às provocações que essas instâncias promovem.

O samba de enredo da PT (2018), composto por Rafael Bernini, **Carlinhos Chirrinha, Luís Caxias, Wellington Onirê e Fernadão**, explicita a continuação do cativo por meio das senzalas de nossos tempos:

Irmão de olho claro ou da Guiné  
 Qual será o seu valor? Pobre artigo de mercado  
 Senhor, eu não tenho a sua fé e nem tenho a sua cor  
 Tenho sangue avermelhado  
 O mesmo que escorre da ferida  
 Mostra que a vida se lamenta por nós dois  
 Mas falta em seu peito um coração  
 Ao me dar a escravidão e um prato de feijão com  
 arroz  
 Eu fui mandiga, cambinda, haussá  
 Fui um Rei Egbá preso na corrente  
 Sofri nos braços de um capataz

Morri nos canaviais onde se plantava gente

Ê Calunga, ê! Ê Calunga!

Preto velho me contou, preto velho me contou

Onde mora a senhora liberdade

Não tem ferro nem feitor

Amparo do Rosário ao negro benedito

Um grito feito pele do tambor

Deu no noticiário, com lágrimas escrito

Um rito, uma luta, um homem de cor

O samba de enredo da EPM (2019), composto por **Danilo Firmino, Deivid Domenico, Luiz Carlos Máximo Dias, Manu da Cuíca, Márcio Bola, Ronie Oliveira, Silvio Moreira Filho e Tomaz Miranda**, define a realidade que a história oficial oculta e esconde:

Mangueira, tira a poeira dos porões

Ô, abre alas pros teus heróis de barracões

Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões

São verde e rosa, as multidões

Brasil, meu nego

Deixa eu te contar

A história que a história não conta

O avesso do mesmo lugar

Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço

A Mangueira chegou

Com versos que o livro apagou

Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento

Tem sangue retinto pisado

Atrás do herói emoldurado

Mulheres, tamoios, mulatos

Eu quero um país que não está no retrato



Brasil, o teu nome é Dandara  
 E a tua cara é de cariri  
 Não veio do céu  
 Nem das mãos de Isabel  
 A liberdade é um dragão no mar de Aracati  
 Salve os caboclos de julho  
 Quem foi de aço nos anos de chumbo  
 Brasil, chegou a vez  
 De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

povos indígenas, negros e pobres.

A violência contra os povos indígenas, e negros escravizados, não impediu as lutas por libertação ou emancipação da condição imposta e, pela voz do narrador, ao enredar a poesia dos sambas de enredo, escreveu as formas de resistir ou existir dos povos negros e indígenas. O texto dos sambas de enredo traduz a luta e a força de um povo: “não sou escravo de nenhum senhor, meu Paraíso é meu bastião. Meu Tuiuti, o quilombo da favela, é sentinela da libertação” (PT, 2018) e/ou “Brasil, meu nego deixa te contar a história que a história não conta [...], na luta é que a gente se encontra” (EPM, 2019).

O “tom” dos enredos (representados na poética das letras dos sambas de enredo) expressa o enfrentamento da realidade brasileira, seja pelo conhecimento da filosofia encantada das macumbas ou pelo questionamento da verdade oficial da nossa história colonial.

A princesa Isabel no desfile da EPM está representada com as mãos e o vestido manchados de sangue, parte de um enredo que refuta as invenções oficiais sobre os heróis coloniais. Na trama, Isabel não empunha uma caneta, mas o sangue dos negros escravizados, e há um deslocamento do protagonismo da luta abolicionista para ações desencadeadas pelos

A PT estabeleceu correlação entre quilombo e comunidade. A ideia que a escola de samba transmitiu era a de que a favela é lugar de resistência, mas também abrigo, acolhimento, convívio. Na abertura do desfile, em conformidade com as informações do enredo disponível pela Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA), a PT apresenta uma “[...] estética inspirada nas fortificações de tribos africanas”, em que o carro abre-alas “[...] traz um imagético Quilombo Tuiuti, guardado por grandes rinocerontes que simbolizam a força da África e ladeado por máscaras tribais para espantar os maus espíritos” (LIESA, 2018, p. 187). A Figura 1 ilustra a perspectiva da PT.

Figura 1. Abre-alas “Quilombo Tuiuti”



Fonte: Portal SRZD Carnaval. Disponível em: <https://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/desfile-paraíso-do-tuiuti-2018/>. Acesso em 19.02.2021.

A escravização dos povos negros não excluiu as inúmeras lutas contra a condição imposta. A PT reforça a noção de comunidade e enfatiza o argumento da ancestralidade guerreira dos negros africanos, colocando-se como o bastião de tal orgulho e identificação. A

proposição se centraliza no conhecimento libertador dos “pretos-velhos”, ilustrada na Figura 2, cujo foco salienta o sofrimento do povo negro frente ao processo de escravização, além de frisar o regime de opressão ainda vivido pelos negros e pobres.

Figura 2. Comissão de Frente “O grito de liberdade”



Fonte: Página Oficial da LIESA. Disponível em: <http://liesa.globo.com/galeria/2018.html>. Acesso em 28/11/2020.

A ênfase do desfile recai sobre o protagonismo do povo negro em diversos momentos da história, contada através da sabedoria ancestral africana. Pela sabedoria dos pretos-velhos a PT elaborou o argumento da existência de um regime de opressão do povo negro:

Ainda é possível ouvir o estalar de seu açoite pelos campos e metrópoles. Consumimos seus produtos. Negligenciamos sua existência. Não atualizamos sua imagem e, assim, preservamos nossas consciências limpas sobre as marcas que deixou tempos atrás. Segue vivendo espreitada no antigo pensamento de “nós” e “eles” e não nos permite enxergar que estamos todos no mesmo barco, no mesmo teme-

roso Tumbeiro, modernizando carteiras de trabalho em reformadas cartas de alforria (LIESA, 2018).

Os Pretos Velhos detêm o conhecimento da cura das dores da alma e do corpo, das feridas dos açoitados, mas também do arrependimento daqueles que açoitaram. Na lógica do desfile da PT, escravizados e capataz são benzidos por estes anciões (aqueles que dominam o conhecimento das plantas e ervas e têm o dom de quebrar as correntes e romper com as mordidas sociais). Destacamos o argumento de Simas; Rufino; Haddock-Lobo (2020, p. 50) para a expressão dos encantamentos das macumbas: “a espiritualidade e a corporificação ancestral daqueles que recorrem às suas gramáticas para desvendar os mistérios



do mundo e com suas histórias alumiar os itinerários que levam ao não esquecimento”.

A EPM, guardadas as intencionalidades dos enredos, segue a mesma linha de raciocínio da PT, ou seja, por meio das lutas dos povos indígenas e negros diante da realidade social, da político-econômica e da disputa simbólica e moral, busca elementos para refutar as invisibilidades dos registros da história oficial. A EPM mostra que a construção histórica da nação não pode ser contada apenas pelos olhos do vencedor.

No argumento do carnavalesco da EPM, autor do

enredo, “esquecemos, porém, que na torcida pelo vitorioso, os vencidos fomos nós” (LIESA, 2019, p. 313). Por esse ângulo, a reflexão refuta o argumento de que a colonização brasileira foi superada e expõe que, diante da realidade dos povos indígenas, negros e pobres, o processo de civilização ocidental foi, além de violento e seletivo, um instrumento de abafamento dos conhecimentos e saberes desses povos.

Na comissão de frente, Figura 3, a EPM apresenta uma parede de museu emoldura por personagens históricos, heróis nacionais. Na performance do desfile há um conjunto de encenações de inversão dos papéis históricos atribuídos aos negros e indígenas.

Figura 3. Comissão de Frente “Eu quero um país que não tá no retrato”



Fonte: Página Oficial da EPM no Facebook (2019). Disponível em: <https://www.facebook.com/GRESEPMangureira/photos/2491556144239829>. Acesso em 15/11/2020.



Na encenação, os personagens são retirados de suas molduras e, fora dos quadros, os “heróis” são transformados em miniaturas e retratados com menor importância em relação aos negros e indígenas. Na trama, os sambistas rasgam um livro que simboliza a história oficial e uma estudante negra (aluna contemporânea, com o uniforme nas cores da escola de samba) aparece como outro livro. Entre braços de indígenas e negros ela o abre, e percebe uma nova história.

Os enredos analisados efetivaram recortes que lhes interessavam, sem deixarem de demonstrar como um eixo temático comum instiga o revisitar da história oficial, construída e sustentada pelo ponto de vista da dominação. Desta forma, as escolas de samba demarcam outras trilhas de saberes e conhecimentos do mundo. Emprestamos a posição cognitiva de Maldonado-Torres (2008) para arriscarmos a dizer que há uma revolução em curso, mesmo que em escala local, micro, a partir das prospecções reveladoras em que os povos colonizados reelaboram suas realidades e traçam outras possibilidades, para além das histórias que lhes foram contadas.

A escravidão tem a sua permanência no tempo em diferentes formas, seguindo o raciocínio dos enredos das escolas de samba. A PT cunhou o termo “cativo social”, conceito que permite sustentar o argumento do enredo de que o cativo e as lutas permanecem. No entanto, cabe aos quilombos modernos (favelas, comunidades, escolas de samba, entre outros) a vigilância e a defesa de seus direitos sociais, culturais, políticos, simbólicos, filosóficos, democráticos em suma. Esses esforços alçam os espaços dos quilombos modernos ao papel de protagonistas nas batalhas as quais - movidas pela justiça, aceitação e

simetria de saberes/conhecimentos - superam a história e os livros oficiais.

O itinerário percorrido pela PT exaltou a ancestralidade africana, encantamentos e epistemologias das macumbas. Em sua poética, um fragmento do samba enredo da escola grita a realidade dos cativos da escravização colonial: “fui um Rei Egbá, preso na corrente, sofri nos braços de um capataz, morri nos canaviais onde se plantava gente”.

A EPM fez emergir os apagamentos dos livros da história. Exemplificou as lutas dos Tamoios frente à invasão portuguesa, na Figura do Cunhambembe, liderança tupinambá responsável pela organização da resistência dos indígenas, que não conseguiu evitar o massacre de seu povo. A figura 4 (parte superior), retrata o Monumento às Bandeiras banhado em sangue e com dizeres: “ladrões” e “assassinos”. Estas frases são atribuídas aos heróis e à colonização portuguesa.

As intencionalidades do “contar a história que a história não conta” recaem sobre outras facetas ocultas nos registros oficiais. Na performance do desfile, essas intencionalidades são representadas por uma escrivaniha com livros de história abertos (Figura 4, parte inferior), em que se registram as novas ideias a respeito dos heróis oficiais. A ênfase posta apresenta que os heróis colonizadores tinham aos seus pés sangue, ossadas e restos mortais de indígenas, negros e pobres. A imagem, emblemática, marca a pretensão da EPM e fortalece a urgência de pensarmos em novas respostas de organização social que não se baseiem nos conhecimentos (e racionalidades) que se dispuseram a explicar o mundo.

Figura 4. Carro “O sangue retinto por trás do herói emoldurado”; Carro “A história que a história não conta”



Fonte: O Globo (Imagem Inferior). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/mangueira-campeado-carnaval-carioca-com-avesso-da-historia-do-brasil-23503003>; Rafael Rezende (Imagem Superior). Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.111982348893262&type=3>. Acesso em 22.02.2021;

Na continuação do desfile, a EPM exaltou personagens negros que não foram considerados ou que foram ocultados pela história oficial: Teresa de Benguela, José Piolho, Zumbi e Dandara, Luísa Mahin, Dragão do Mar (apelido dado para Chico da Matilde,

jangadeiro que se recusou a fazer o traslado de negros escravizados dos navios negreiros para as praias cearenses, desencadeando a abolição no Ceará em 1883, cinco anos antes da Lei Áurea). Na frente da bateria da escola de samba, a rainha representa a Es-



perança Garcia (mulher negra, escravizada, que, aos dezenove anos de idade, em 1770, denunciou por escrito as violências que sofria e que testemunhava numa fazenda do atual território do Piauí).

Num esforço de aproximação entre as propostas dos enredos da PT e EPM com o caminho teórico-conceitual apresentado, observamos uma retificação na construção da história colonial, por uma via que se desconecta do conhecimento eurocêntrico e das traduções que concebem o desenvolvimento, o progresso e a invenção dos heróis. A PT e EPM propuseram um olhar decolonial:

A mudança radical introduzida pela “*versant-decolonial*” (*opção decolonial*) se move, se desconecta da ideia ocidental de que as vidas humanas podem ser descartadas por razões estratégicas e da civilização da morte (comércio escravo massivo, fomes, guerras genocídios e eliminação das diferenças a qualquer custo [...], em direção a uma civilização que encoraje e comemore a reprodução da vida [...]. (MIGNOLO, 2008, p. 315-316).

A PT e EPM propõem o rompimento com a ordem oficial imposta. Trazem correlações de interculturalidades que não foram contempladas na constituição do Brasil, fora dos formatos organizativos da racionalidade hegemônica, não incorporados como valores simétricos. Em outros termos, a cordialidade sustentada nos discursos da historiografia pós-abolicionista merece reformulações, tendo em vista que os reflexos da lógica colonial perpassaram toda a nossa constituição, em que os povos indígenas e negros tiveram que travar (e travam) muitas lutas para sobrevivência, aceitação, participação e emancipação. Tais escolas marcaram seus desfiles pela sinalização da necessidade de outros registros e novos olhares à história.

Os enredos explicitados revelaram a realidade dos lugares, espaços e modos de ver o mundo pelo olhar dos vencidos e, ao mesmo passo, incorporaram possibilidades de práticas e linguagens de trocas interculturais, pilares imaginados em campos de disputas não-colonizadoras. No enredo da PT prevalece a reivindicação de direitos sociais negados, sempre com foco nas relações promovidas pós-abolição e relações de poder persistentes ao longo da história, sobretudo sobre o povo negro, alerta do enredo.

As escolas de samba trouxeram a necessidade da constituição de olhares problematizadores à histórica (o que se estende ao traçado de uma nação que se prospecta inter-plural-transcultural) para que a dignidade dos povos indígenas e negros (sobrevivendo nas tribos, comunidades ribeirinhas, favelas, morros) sobressaia. A PT e EPM enfatizaram histórias não-oficializadas da crueldade da história colonial. Explícitaram em seus enredos que o cativo não ficou resolvido com a abolição e que os mascaramentos dessa realidade estão presentes na contemporaneidade, traduzidas na forma de: invasão das terras indígenas e genocídio de seu povo; recusa da ideia de afirmação do povo negro; correlações entre os resultados do processo de escravização com as favelas, a pobreza e a vulnerabilidade social; vinculações entre senzala e cativo social; prolongamento do instituto legal da carta de alforria em carteira de trabalho; extermínios e violências contra jovens, negros, pobres, indígenas; dentro outros apontamentos que as escolas de samba descreveram em seus desfiles.

O carnaval das escolas de samba fortalece a ideia de festa, mas enquanto festa não nega os espaços de questionamentos, reflexões e revisões de inúmeros aspectos da realidade posta, quer seja do ponto de vista da história quer seja no campo das dinâmicas do cotidiano do mundo das escolas de samba, vide os inúmeros programas de debates sobre os desfiles do carnaval do Rio de Janeiro (Ribas, Fabato, & Melo, 2020; Vasconcelos, 2021).

### Outras agendas, dinâmicas de lutas e estratégias do existir

Por meio das telas apresentamos determinados aspectos das histórias que a História oficial não contou, realidade que se potencializam nas relações contemporâneas. Dentro do contexto, as escolas de samba PT (2018) e EPM (2019) propuseram novos olhares e possibilidades de entendimento daquilo que denominamos Brasil. Essas possibilidades fortalecem uma agenda de lutas dentro de seus espaços de manifestações político-culturais, as quais reverberam em estratégias do seu existir, mas, também, em perspectivas de enfrentamento dos problemas sociais do mundo.



Não se trata da construção de discursos e narrativas de sucesso (no sentido empresarial aplicado ao termo) para a elaboração de seus enredos. Trata-se do reposicionamento do conceito que lhe dá origem: a ancestralidade. Este reposicionamento, não sem disputas e tensões, fortalece os direcionamentos de traçados que respeitam e valorizam os fundamentos de sustentação das escolas de samba: o encantamento (macumbas, festas, encontros).

Os olhares sugestivos da PT e da EPM nos colocam a possibilidade de abordagens decoloniais em outros lugares e formas de conhecimento, que estão além da desconstrução dos heróis oficiais e da reverência aos personagens marginalizados da história do Brasil. Tais abordagens - campo teórico-epistemológico que valoriza olhares, teorias e pesquisas fora da racionalidade hegemônica colonial - podem converter as comunidades em que as escolas de samba estão presentes em espaços de autonomia, emancipação e bem viver (Acosta, 2016), fazendo com que elas se contraponham às métricas organizativas empresariais e colonizadoras.

Por essas contraposições, Simas; Rufino & Haddock-lobo (2020) nos revelam o gingado das escolas de samba, adaptado ao desenvolvimento da metrópole. Dessa perspectiva, a permanência das escolas de samba, nos diversos contextos históricos da construção do Rio de Janeiro, dependeu (e ainda depende) do gingado do sambista para continuar reafirmando a sua existência, ao mesmo passo com que propagam suas lutas.

A ressonância social destas lutas que superam os enredos, os sambas de enredo e os desfiles (partes estruturais que fundamentam a assertividade das escolhas e caminhos), projetam a constituição de um campo de disputas, cuja agenda é a ancestralidade e as origens no encantamento, nos termos dispostos por Simas & Rufino (2018).

As questões da ancestralidade (e/ou valorização dos saberes, fazeres e conhecimentos dos povos

africanos e indígenas) não significam uma volta às origens ou sublimação da realidade concreta. Significam o fortalecimento das frentes de decisões de políticas e de identidades, considerando a realidade posta, sempre a partir dos reposicionamentos das ancestralidades e das origens. Aos povos africanos escravizados do Brasil (extensivo aos povos indígenas), alocados para fora (e/ou às margens) da história oficial, vislumbram-se o desmascaramento das formas de opressão impostas.

De modo geral, as escolas de samba têm colocado ênfases nas pautas sociais, políticas, econômicas, culturais, religiosas, estéticas, éticas, morais, simbólicas, ecológicas, entre outras. Especificamente, no que diz respeito aos enredos da PT e EPM, a opção de explicitar as inverdades da história oficial traz consigo um complexo de conhecimentos inscritos na ancestralidade. Esse exercício de transgressão à ordem pelas escolas de samba é o que garante a manutenção da própria existência dessas manifestações, principalmente em tempos adversos (a demonização da cultura e da liberdade de expressão artística, a partir de políticas baseadas em princípios morais conservadores, face a ascensão de governos de extrema-direita no Brasil).

As escolas de samba permanecem na cena cultural, promovendo a identidade nacional de um país que, mesmo colonizado, resistiu ao abafamento de sua ancestralidade e encantamentos, os quais fundamentam a constituição de tais manifestações. Arriscamos em afirmar, com base nas transgressões à ordem, a evidência de que a experiência e a memória de um povo permanecem existindo, reexistindo e resistindo, apesar de todo o esforço colonizador em apagar esses entrecruzamentos que formatam a cultura, material e imaterial. Dessa perspectiva, Figura 5, a EPM explicita o recado dos povos oprimidos desde os tempos da colonização, nas cores verde e rosa, de que o Brasil também é dos índios, negros e pobres.

Figura 5: Bandeira do Brasil elaborada na história contada pela EPM



Fonte: Richard Santos/Riotur. Recuperado de <https://diariodoporto.com.br/guiamaravilha/mangureira/>. Acessado em 07.12.2021.

O esforço colonizador afeta os fundamentos que deram origem às escolas de samba (e às comunidades associadas). No entanto, as posturas da PT (2018) e da EPM (2019) trouxeram um movimento de fortalecimento das iniciativas de outros enredos questionadores da ordem social vigente, ora pelo resgate da ancestralidade, ora pela crítica da realidade em que o país experimenta, pois as manifestações culturais promovidas pelas escolas de samba são, por si, atos políticos que aderem significados para além das estruturas de linguagens de comunicação e ordem dos discursos elaborados nos enredos, tramas e cenas das performances nos desfiles capturados pelas coberturas televisivas.

A beleza dessas disputas no campo da cultura se apresenta na sabedoria e conhecimento de um povo que insiste em resistir nos morros, favelas e comunidades, diante da força dos fuzis, das balas “perdidas” e da truculência do Estado e cidades, que os tornam invisíveis (e invisibilizados).

Nossos dias têm intensificado esses momentos socioculturais, econômicos e políticos hostis que, certamente, a história oficial não registrará (ou trará subterfúgios para referenciá-la). No entanto, face à agenda fortalecida, espera-se que as escolas de samba passem a contar a história, do passado e do presente, dentro das perspectivas das epistemologias do pensamento decolonial, para que tenhamos outras possibilidades dignas de futuro.

### Considerações Finais

Adentramos no debate sobre as revisões da história colonial e das memórias oficiais brasileiras pela perspectiva da correlação entre os campos da cultura e do desenvolvimento. Por esta perspectiva, enfatizamos os enredos e sambas de enredo das escolas de samba PT e EPM. Enfatizamos também que no trajeto das disputas se vislumbram distintas formas de comunicação e as telas (ecrãs) podem acrescentar a

potência dos processos de revisão da História, nomeadamente pelas perspectivas das escolas de samba.

Enquanto manifestação cultural, as escolas de samba protagonizam um espaço de transgressões às opressões e, conseqüentemente, às determinações das racionalidades coloniais (ou eurocêtricas). O carnaval, dentro do *lôcus* de atuação das escolas de samba, encontra-se estruturado por meio de um conjunto de linguagens que constitui as dinâmicas de comunicação social capturadas pelo processo de produção de cenários (desfiles, estéticas, performances, espetáculos, intencionalidades, produto cultural, megaevento televisivo, transmissões massivas em escala mundial), mas que tem seus fundamentos, presentes e vivazes, na ancestralidade e encantamento.

Na linha da ancestralidade e encantamento, as escolas de samba PT e EPM em seus enredos, sambas de enredo, imagens e performances questionam os registros das memórias oficiais (e oficializadas) e explicitaram os conhecimentos abafados, mas presentes nos encantamentos que o mundo das escolas de samba organiza e, sobretudo, no conjunto de elementos simbólicos expressos nas alegorias, adereços, sambistas, passistas, ritmistas, baianas e comissão de frente.

Enquanto proposta de desenvolvimento (predisposição econômica, social e sustentável com potencial de promoção da dignidade das pessoas do lugar e comunidade envolvida), salientamos que as escolas de samba, guardiãs da ancestralidade do povo negro, funcionam como um eixo aglutinador de possibilidades, protagonismos, autonomias e emancipações, mesmo dentro de momentos sociopolíticos hostis.

Desse lugar, as escolas de samba PT e EPM impulsionaram uma nova agenda de resistência e resiliência nas lutas socioculturais das pessoas do local e podem formatar táticas e estratégias de sobrevivência dignas, cuja manutenção é relevante no exercício de voltar às origens, como vimos no confronto das verdades históricas oficializadas.

As escolas de samba PT e EPM rejeitaram temas “mornos” ou “adaptados” à ordem do dia. Revisitaram a vergonhosa história colonial no Brasil, demons-

trando seus reflexos nos dias de hoje em distintos espaços da vida cotidiana de pessoas, lugares e classes. Descreveram um retrato a céu aberto de facetas nefastas da história e do processo de civilização, sem esconder a estrutura de dominação, de longa duração, que não se rompeu e que se renova de forma mais perversa, de tempos em tempos.

Enquanto contributo para a descolonização mental e possibilidade de interculturalidades, nos termos do ativismo das escolas de samba, resta-nos saber se há fôlego e força suficientes para a implementação de uma agenda político-cultural que mantenha latente as preocupações relacionadas às ancestralidades e aos encantamentos, assim como às filosofias potentes, coletivas, solidárias e emancipadoras.

## Referências

- Acosta, A. (2016). *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo. Editora Elefante.
- Augras, M. (2006). *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas.
- Cesaire, A. (2006). *Discurso sobre el colonialismo*. Madri. Ediciones Akal.
- Ferreira, F. (2005). *Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ.
- GloboPlay (2019). Íntegra do desfile Mangueira 2019. <https://globoplay.globo.com/v/7386629/>. Recuperado em 20.12.2021.
- GloboPlay (2018). Íntegra do desfile Tuiuti 2018. <https://globoplay.globo.com/v/6495113/>. Recuperado em: 22.12.2021.
- LIESA (2018). *Livro Abre alas Domingo - Carnaval 2018*. Rio de Janeiro. <https://liesa.globo.com/material/carnaval18/abrealas/Abre-Alas%20-%20Domingo%20-%20Carnaval%202018%20-%20Atual.pdf>. Recuperado em 20.12.2021.
- LIESA (2019). *Livro Abre alas Segunda - Carnaval 2019*. Rio de Janeiro. [http://liesa.globo.com/material/materia2019/publicacoesliesa/\\_ABREALAS/Abre-Alas%20-%20Segunda-feira%20-%20Carnaval%202019.pdf](http://liesa.globo.com/material/materia2019/publicacoesliesa/_ABREALAS/Abre-Alas%20-%20Segunda-feira%20-%20Carnaval%202019.pdf). Recuperado em 20.12.2021.
- Maldonado-Torres, N. (2008). *La descolonización y el giro des-colonial*. Tabula rasa, n. 9, p. 61-72. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/396/39600905.pdf>.



Mignolo, W. (2008). *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Cadernos de Letras da UFF. Dossiê: Literatura, língua e identidade, v. 34, p. 287-324. Recuperado de <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33191>.

Neto Ribas, Fabato, F., & Melo, J. G. (2020). Momentos Marcantes do Carnaval - (4h33min). Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=vu5ggx3QWoU&t=8981s>. Recuperado em 22.01.2021.

Pimenta, C. A. M.; Silva, G. C. (2019). *Reflexão sobre as torcidas organizadas no samba e a espetacularização do carnaval carioca*. Sociedade e Cultura, v. 22, n. 1, pp. 318-337. Recuperado de <https://doi.org/10.5216/sec.v22i1.43568>.

Rivera, C. A. M. (2016). *Introducción: Apuntes sobre descolonización epistémica en el pensamiento comunicológico regional*. Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 131, p. 39-46. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5792022.pdf>.

Saboia, G. (2020). Crivella é o 1º prefeito do Rio a manter distância do Carnaval. UOL. Recuperado de <https://www.uol.com.br/carnaval/2020/noticias/redacao/2020/02/21/crivella-e-1-prefeito-a-manter-distancia-do-carnaval-do-rio>. Recuperado em 24.01.2021.

Silva, G. C. (2017). *Quando o tempo ruge e a Sapucaí é longe: desenvolvimento e cultura em enredo no samba carioca* (186 pp.). Dissertação de mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade. Universidade Federal de Itajubá. Itajubá. Recuperado de <https://repositorio.unifei.edu.br/jspui/handle/123456789/944>

Simas, L. A., & Fabato, F. (2015). *Pra tudo começar na quinta-feira: o enredo dos enredos*. Rio de Janeiro. Mórula.

Simas, L. A., & Rufino, L. (2018). *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro. Mórula.

Simas, L. A., Rufino, L., & Haddock-Lobo, R. (2020). *Arruaças: uma filosofia popular brasileira*. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo.

Vasconcelos, J. (2021). Memória do Carnaval. Blog Ouro de Tolo. (7h46min). Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=LAheCxlZrC>. Recuperado em 22.02.2021.